

O POVO

ÓRGÃO — NEUTRAL — DOS INTERESSES MORAIS E MATERIAIS DA PROVÍNCIA.

Assinatura

POR UM MEZ 1\$000

Lei, Progresso, Liberdade.

Publicação

Uma vez por semana

Redactor e Editor—responsável—J. M. Velasco.

O POVO

A *Situação*, noticiaria e apparecimento do —*Povo*—, fez-nos a honra de dirigir-nos —alguns encontros que agradecemos, mas que não merecemos, e também algumas observações e conselhos que não podemos aceitar e à que vamos procurar responder.

Antes de mais, porém, pedimos vênia ao ilustrado noticiarista para distinguir n'elas o que nos diz respeito personal ou particularmente, do que se refere ao redactor do *Povo*.

Não admittimos, nem admittiremos jamais esse englobação de que estou certo, que serve-se hoje o boorado noticiarista, porém, mais tarde, poderia em servir-se, como de armas contra nós,—malfazojos taurunes intimamente interessados em desvirtuar-nos o justo committedimento, fazendo-o crer não mais que instrumento de vingança pessoal,—se em tempo não repelissemos o equívoco e protestassemos contra a falsa assertão.

O redactor do —*Povo*—, no cumprimento de seus sagrados devéres de jornalista conscientioso e de boa fé, devêres esses por elle mesmo tracados com rude franqueza,—está decidido a sacrificar, não as suas idéias e convicções, porque entende que as deve ao povo,—mas os seus interesses e sentimentos pessoais, sempre que for preciso dizer a verdade (e a verdade é preciso sempre dizer ao povo, que a advinha, mas não está acostumado a ouvi-la), sempre em fim que o exija o bem de todos, em oposição á seu bem proprio.

Sente que o injusto collega assim não o tenha deprehendido do seu programma, que é sincero, e em que juntar-se ter-se expressado de modo a evitar qualquer dúvida, quando dice:

«Bontem era—é, hoje sou—todos bôs. Se ha no seu estylo, o quer que seja de causticidade, é por que é povo a soffre, e o povo quando sofre,—quando é vítima e sente a planta do algoz a esmagar-lhe o peito, se fâllu e é digna, tem o direito de ser caustico;—não o tem se é vil e cobarde.

Christo em face de Caiphas e Ananias foi caustico.

Se uza do ridículo às vezes como arma de combate, é por que está na

natureza do pequeno opprimido o sentir um prazer infinito em pôr a nu o ridiculo do grande oppressor.

Estabelecidas estas bases, vamos responder ao que nos diz respeito como redactor do —*Povo*—, deixando as resposta, ao que nos diz pessoalmente respeite, isto é, a narracão minuciosa e comprovada d'esse acto de infunias e violências de que fomos vítima, para quando se concília o processo por crime de responsabilidade, que forçous, não o odio, mas o dever e a honra, a interter contra o chefe de polícia que ordenou-nos a arbitrária prisão processual, que ainda não foi iniciado por falta de membros na delegacia de Distrito,—e cujo resultado, se a justiça n'esta terra, como esperamos, não é uma formidavel baria que invoca-se quando se trata de esmagar o fraco, embora clara e reconhecidamente iniente, mas que se transforma, à capricho, em vil e prestatudo malto com que se cobre e protege as faltas, ou mesmo os crimes e as terpezas dos fortes e poderosos,—dará um formal desgaste á opinião profissada pelo honesto mas ingenuo e crédulo noticiarista.

Começamos por observar q' não entendemos o que quiz o noticiarista dizer quando nos recommendou que dessemos á Deus o que era de Deus e a Cesar o que era de Cesar.

Supponemos esta phrase uma superfluidade—se é apenas um conselho,—visto que o nosso programma, com quanto pequeno—porque o tamanho do jornal não o permitia mais desenvolvido,—é bem claro e positivo à respeito; ou então uma injuria,—se exprime uma duvidá, que ainda nada fizemos por merecer e que o nosso procedimento futuro com certeza jamais justificará.

Bem sabem, que a maioria politica tanto abocanha e ameaçanha aquiles, o experiente noticiarista se refere á que professando nôs idéias liberaes,—vêm-nos-hemos, a pezar da nossa boa vontade, forçados a fazer do vicio do liberal—uma virtude e da virtude do conservador—um vicio.

Descanse o ilustrado noticiarista: O *Povo* não reza pela cartilha porque relêve-nos a franqueza, rezava a *Situação*, rezou o *Liberdade*, e rezam todos

os jornais políticos da nossa patria, á não ser em epochas de dissidencia.

O *Povo* não é um jornal político, jô o dicens e nos escusariamo de repeti-lo se não fosse a noticia da *Situação*.

Não viemos dar ao liberal que é do liberal e ao conservador que é do conservador.

Viemos reivindicar para o povo o que pertence ao povo,—entinar-lhe a conhecer seus direitos—e forçar as autoridades a respeitá-los e à praticar a Lei quando vier esperar, que cordejamos viver para o artifício,—ou pelo menos protestar contra os seus excessos e violências,—e isto faremos—hoje, amanhã e sempre, seja a autoridade liberal, ou seja conservadora, porque não queremos saber da política do homem, mas do procedimento da autoridade.

Diz ainda o noticiarista que transluç em o primeiro numero do nosso jornal, não dirá—despeito,—mas de algum modo uma certa má vontade para com as autoridades que tomaram conhecimento de facto ha pouco a nós imputado, e especialmente para com o individuo que ocupa actualmente o cargo de chefe de Polícia, dr. Milciades Augusto de Azevedo Pedra, seu amigo, que foi tão cuiado n'essa causa como o noticiarista.

Abstemos-nos de responder á esta ultima parte com receio de offendêr ao generoso noticiarista á quem muitos respeitamos e consideramos;—quanto à primeira porca, seja-nos licito declarar-lhe que está completamente equivocado e é extremamente injusto para comosco.

O sentimento que suspiram-nos as autoridades que tomaram parte n'esse violento, calunioso e infame processo de que fomos vítima, não dizem que se possa chamar nôs, desprezo; mas—despeito—nunca má vontade,—sempre.

Está na nossa natureza e no nosso character o sendirmos-nos dominado pela mais franca e decidida má vontade contra os individuos que, quanto dr. Pedra e o seu *Liberdade*, se ha—o dr. Balbino Cezar de Melo, nôs estio em condições de ocupar os cargos importantes e respeitados—que um occupou, e o outro nôs lembra-

nesta Província.

Dicemos e repetimos—esta é a vontade nós a sentimos contra todas as autoridades em identicas condições ás dos dous individuos supra,—porque somos—povo—e sofremos sempre que vemos o povo soffrir, e elle sofre todos os dias.

Somos e seremos sempre—apaixonados, mas não desarrasados, quando profligarmos os desmandos de tais autoridades.

Se todos que o podem fazer, procedem como procedemos hoje e procederemos sempre, esses escândalos absolutistas, que pela impunidade em que ficam, inutilisam completamente a Lei e fazem que o povo d'ella descreia totalmente,—não se reproduziriam quasi quotidianiamente entre nos.

O silêncio da imprensa, em presença do abuso, da violência ou da prevaricação dos funcionários públicos,—de quaisquer enthegerias, quer o móva a indiferença, quer a amizade, quer a cobardia, ou as tres chamadas *conveniências políticas*, cremos já dito,—é sempre um crime e bem grave pelas suas fatais consequencias.

Até aqui, pelo menos em Cuiabá, quando se dava um qualquer escândalo autoritário,—fallava-se d'ele um dia, trez dias em casa do chefe do partido oposicionista, fallava-se nos clubs, nas casas de negocio, no reante da família, à mesa de jantar,—e nada mais.

A autoridade que praticara o escândalo, não fazia caso do *inocente* falador, sem seguimento prejudicial possível e—continuava na mesma.

Foi para acabar de uma vez, com o extremito estado de coisas, em extremo perigoso para os fracos e desprotegidos, que fundamos—o *Povo*.

Isto ficou bem explicado em o nosso programma.

Quanto ao que diz o noticiarista sobre o procedimento do S. P. Presidente da Província, em relação á nós, na questão á que se refere,—perdemos que lhe digamos que achamos extenuante a defesa dós que não houve acusação.

Sobremodo, por ouvir dizer ao proprio S. P. Presidente, qual a parte por elle tomada nessa relândia questão,—e bem sabemos que não é elha de natureza á merecer censura, e—no menos dós que nos exclareceram tal respeito, jamais o censuramos.

Mais ainda—de faramos que nos convinham particularmente attribuído para S. Ex. por um sentimento de justa simpatia e interesse, porque o sahemos nobre e cavalheiro, intelligente e ilustrado, amante sincero do progresso e da luz, dando das melhores ostentadas respeito à Província, se bem que afunda um pouco inexperiencia no cargo que pela primeira vez ocupa e ainda um pouco ignorante dos homens e das coisas nessa província.

Fazemos esta declaração com o intento de que elle ah! siente como um protesto contra as malas interpretações e falsas opiniões que sobre a conduta á que por ventura nos obriguem para com S. Ex. os mesmos deuses de jornalista.

Passando ao ultimo ponto da noticia.—

Em o nosso numero passado, no noticiarista, a que dímos o título de—*Echos da Siberia*—pedimos providencia ao Presidente da Província sobre o facto, á nosso ver, abusivo e escandaloso de morar o chefe de polícia com sua família no sobrado, logo perto Fazenda municipal para nello funcionar a Secretaria da Policia.

Diz o noticiarista que se nos dessemos ao trabalho de compulsar a nossa legislacão e regulamentos que autoriza abuso em tão natural e tolerável facto.

Permita-nos S. S. que digamos, que nos aconselhou um imenso trabalho, para o qual não nos sentimos com forças.

Ler, compulsar toda a nossa legislacão desde as Ordens do Rei, até o ultimo Acto de qualquer ministerio, estudar esse clima de Leis, de Regulamentos que derogam Leis, de Avisos que derogam Regulamentos, de Actos, Portarias, e Ofícios presidente aos que derogam Avisos, Regulamentos etc., para encontrar um parágrafo talvez, que permita ao individuo Pedra a residencia com sua familia, parentes e adherentes na Secretaria de Policia,—ha-de concordar comosco que é exagerado muito.

Ma's facil fôra que nos classasse topo a Lei, Regulamento, Aviso ou Acto que tal autorisa,—e enquanto o não fizer, não nos levará a mal que continuemos a clamor para que cesse o escândalo.

Falla o noticiarista sobre prejuizos à Fazenda Nacional, sobre commodos suficientes e serviço publico.

Como não comprehendemos bem o pensamento de S. S., ha-de permitir-nos que transcrevemos teda essa parte de sua Noticia,—afim de melhor nos explicarmos.

Diz S. S.:—«Ha tambem uma consulta em residir o Sur. dr. Pedra na propria repartição da Policia.

«Se se der ao trabalho de compulsar a nossa legislacão, terá de reconhecer que o dr. Chefe de Policia, não cometeu nenhuma abuso e nem da prejuizo à Fazenda Nacional. Ela tem commodos suficientes para isso sem prejuizo do servico publico.»

Este—*Elle tem commodos &c.*, parece referir-se à Fazenda Nacional,—pôde ser porém que S. S. se quizesse referir à nossa legislacão,—ou quem sabe—talvez mesmo à Secretaria da Policia!

Responderemos ás trez hypotheses.

Se se refere à Fazenda Nacional, estamos de perfeito accordo.

—*Elle tem commodos suficientes* para o mais sedento parasita possivel,—que se apresente bem apadrinhado e bem provido de certas maleficas qualidades,—e isto sem prejuizo do servico publico, que vai as mil maravilhas.

Si se refere á nossa legislacão,—ainda estamos de bom accordo.

Elle oferece commodos magnificos para todo o funcionario publico que dispõe de bons amigos tenha o desculpar capricho de antepôr a sua razão á razão universal, de impôr o seu voto—à qualquer decreto que os incomode.

Esses espíhi a com que a Lei manda a estrada do abuso, são espíhi do bastidor de comedia,—espíhi ingles—ingles ver,—e os *perspicazes* como o dr. Pedra, e cahecem isso perfeitamente e—passam alem, sem vãos recebos, sem escrupulos.

Si se refere á Repartição da Policia, perdoar-nos-ha se discordamos da sua opiniao.

É hexato que o qeqreno sobrado da Policia, tenha commodos sufficientes para a Secretaria e para o dr. Pedra, sua mulher, sua sobrinha e seus paraguayos e paraguayas.

Que a falta de commodos parem não é um obstáculo a que s. s. que, apesar dos seus palacios em Assuncão e de alguma heranca talvez desenfradada de qualquer d'elles,—possa por pobre,—continue fazer suas economias sobre os empregos publicos (o que tem um sainetesinho tentador para certos padres).—estamos de acordo.

Ainda quando departisse a Secretaria da Policia para o retrête.... que tinha isso de mal?

Quem busca empregos publicos subalternos para viver,—aqui ou ali deve e ha-de trabalhar e se assim não quizer,—rum—não falta quem queira. Se o tesouro Nacional manda pagar subrados para Secretarias, e com segundas tensões—ele é os empregados, mas perde o chefe.

E o chefe comprehende o Tesouro. E o empregado comprehende o chefe.—*Plaudite cives!*...

Em todo o caso bem vê o Ilustrado noticiarista que concluiu s. por concordar intelectualmente com a sua authentica opiniao.

Este nosso mecanismo social está fiscafeirudo, tão pôde e corrupto, que para concordar fora instar arriscar-se á deitar a casa abaixo e á ser esmagado pelos seus destroços.

Sobre o que nos diz S. S. do character honesto e procedimento moderado do dr. Pedra,—appellamos para opiniao publica.

E o que temos a responder ao Ilustrado noticiarista, a quem ainda uma vez pedimos que nos refira quaisquer imperfeições de estyle que possam mal soar-lhe.

A prova de que o respeitamos e admitemos muito—é que fizemos da resposta á S. S. o nosso editorial.

J. M. Velasco.

Echos da Siberia

O Redactor do *Povo*—pede desculpas aos seus assignantes pela demora, bem que motivada, havida na publicação d'este numero.

Não se reproduzirá.

Aproveita o ensejo para agradecer a acolhida que teve o seu periodico.

Não tem a vaidade porém, de suppôr que seja devida aos merecimentos de sua pena,—que nenhum tem.

Vê n'ella o mais franco e solemn protesto de adhesão ás suas idéias e ao seu programma,—uma prova evidente e decisiva de

que—o povo á que se dirige e cujos direitos e prerrogativas proclama e defende, não é estúpido e viciado, covarde e servil, como creem os monopolisadores d'esta pretensa colônia:—o que alegra-lhe a consciência de homem livre, e exalta-lhe o orgulho de ser filho d'esta—embora—misera vítima, —sua província natal.

Vê também uma demonstração de plena confiança no seu character e exulta infinito ao saber-se comprehendido e, seja-lhe licito dizer-lo, apreciado em seu justíssimo valor.

Dá os parabens á Província e á si proprio—e ainda uma vez protesta caminhar recto ao seu alvo—muito embora as urzes e mais empelhos do caminho.

No dia 31 de Dezembro proximo findo, faleceu n'esta capital o Coronel do 20.^o Batalhão de Infantaria João Gervasio de Souza Perné, com 41 annos completos de bons serviços.

Transferido no anno p.p. do Comando do 21.^o Batalhão para o do 20.^o estacionado em Goyaz, quando já o pessimo estado de sua saúde não lhe permitia affrontar as fatigas e perigos de uma marcha de 150 legoas através de inhospitais sertões, se i isso não obstante pretexto para que contra elle dessevolvesse o commando interino das Armas d'esta Província um cruel sistema de vexames,—verdadeira pers-guição—que tornou bem amargurados os seus últimos dias de existencia.

E sabido que 3 ou 4 dias antes da sua morte, recebeu o Coronel Perné ordem de partir á reunir-se ao seu Batalhão.

O resultado d'este barbaro despropósito foi uma commoção fortíssima que levou o Coronel Perné—não para Goyaz,—mas para o Cemitério da Piedade.

Desde que recebeu a ordem fatal até expirar o Coronel Perné—em delírio—pediu anmaes para partir, porque era mister obedecer ao Commando das Armas!

Ha ainda um facto, que o Coronel Perné morreu ignorando talvez, e é, que—dous ou tres dias antes d'essa intimação de marcha, o Brigadier Commandante interino das Armas dizia ao Presidente da Província esta estupenda frase:

—Se V. Ex.^r quer, eu mando

pôr o Perné em conselho de guerra!»

—sr. Costa Pereira, sa a morte do Coronel Perné não afetou em nada a sua consciência, é porque v. s. a tem bem pacata!

Paz e descanso ao finado,

A Assembléa Legislativa Provincial encerrou as suas sessões no dia 31 de Dezembro ultimo.

Nada diremos por agora, sobre os seus trabalhos, porque desejamos tratar d'tidamente d'esto assunto e fallece-nos espaço n'este numero.

Pedimos venia, entretanto, para, sem offensa á ninguém, emitir sobre a Assembléa Legislativa em Matto-Grosso, a opinião, fructo d'que havemos observado até o presente,—de que é ella uma verdadeira superfluidez, uma perfeita sinecure, que se deve quanto antes ir tar de abolir—por onerosa aos cofres publicos, já tão sugados.

Pois que:—

On a Assembléa pertence ao credo político do Presidente da Província e vota-se em discutir a lei que a alta razão do mesmo entendeu mais conveniente ao bem publico, seja ella prohibindo que se rabe que as parades das caças, seja despejando o erário provincial na algibeira de qualquer fazedor de eleições;—ou a Assembléa não pertence ao credo político do Presidente e vê voltarem ao seu gremio sem sancção as leis por ella votadas,—concedendo-se-lhe, quando muito, no cumço da legislatura,—por conveniencias de uma inutil e ficticia harmonia, que ao menor pretexto se romperá, algumas ninharias sem alcance ou interesse algum para a Província.

Em ambos ca-os, é essa corporação annullada, se não—desmoralisada, ou antedigamos a verdade,—é sempre—enullada e desmoralizada.

Acabou o pri com illa!

Dê-se aos Presidentes—carta branca, como se diz,—ou nem é mister dar-se-lha porque elles a tomarão por si,—e deixem-nos beneficiar-nos como e quando bem lhes parecer a,—que será sempre o melhor.

Alem de e verme economia, ha-

verá mais unidade de pensamento e de accão (não obstante as occasões em que elles pezem de um modo e obrem de outro), com o que muito lucrará o sistema de centralização vital, lá o do nosso sistema político,—e muito lucraremos nós.

Hão de ver como todos lucraram.

A baixo a Assembléa!..

É tanto é certo ser a Assembléa apenas uma sinecure,—que a Thesouraria Provincial, que não pacheta com elles, está firme em que não pagará aos seus membros—nem subsidio pelas sessões preparatorias, porque o Acto a 11/10 diz—diarias e as ultimas sessões preparatorias, se não forem nocturnas, a culpa não é d'aquela repartição, mas da Assembléa,—nem subsidio pelas sessões ordinarias, porque não há verba,—e ainda quando houve-se verba, não há dinheiro e, ainda quando houvesse dinheiro,—é preciso que elle esteja nos cofres, porque é preciso que haja economia e que elles apparecam.

É muito justo.

Que viéram aqui fazer esses roceiros, que somente para tiram a vaidade de dizer—no presente—«Sou deputado oposicionista», ou no futuro,

«Eu fui um das Macauans!—» deixaram à mercê do bom Deus as suas rocas, as suas crunavaes, as suas moendas, o seu pão e os seus mosquitos?

Quem foram fazer no aratzen velho, como lhe chamam,—esses negociantes que lá não haviam depositado reexportado algum,—e esses padres que lá não tinham quem cath chisar nem quem absolver de alguma pouca vergonha?.

É muito justo o que lhes sucede.

Ainda se tivessem tido a cautela de virar a casaca, antes ou logo depois de ouvirem o relatorio, dissemos—de receberem o espirito santo e o seu verbo.....

Mas não:—foram á missa de conservadora casaca; acíheram e escataram o Presidente—de casaca consrvadora; fizeram e ouviram fellar, discutiram e votaram, votaram sem lhes ultramar—e despejaram a casa, prometendo vol-

tar—sempre de casaca idem!• Meus amigos, está fora da moda.

Agora é outra casaca.—quer dizer é o outro lado da casaca.

Ou viensem pelo avé-só, ou não viensem c.:

Porque em verdade vo-lo dizemos,—vale mais uma c-piga de milho, ou um vintém de pimenta do reino, ou uma vélula de quarta ou libra d' baptizado pôbre, do que o mais explêndido discurso de um deputado de oppositionista.

Tem pois a Provincial muita razão:—quem lhes encommendou o sermão que lhes pague.

E se não quiserem assim vão queixar-se ao bispo, ou não venham mais cá,—que é o melhor.

Para fazer bem à Província, quer dizer, para abolir-se as pepineiras antigas e crear-se—modernas pepineiras não se precisa aqui de deputados.

Bôa viagem.

A Situação, ergão do partido conservador n'esta capital, deu por concluída a sua carreira domingo proximo passado.

Contava já 12 annos de vida—e morreu justamente quando mais necessaria fazia-se a sua existencia ao partido cujas idéas professava.

Digamos desde já, q'—em contrario do *Torrer*, que morreu por asphyxia, a *Situação* morreu de inanuição.

Contava n'estes ultimos tempos—apenas 150 assignantes, e d'estes talvez nem 80 pagassam regularmente as suas assinaturas,—talvez mais de 50 nunca as tivessem pago.

Com taes elementos de vida,—era inevitável a morte.

A da *Situação*, talvez tão ingloria como a do *Torrer*, suggeriu-nos algumas reflexões sobre o jornalismo n'esta província, que por falta de espaço deixamos de publicar n'este numero.

Consta que alguns membros do partido seus rivador tratam de organizar uma associação com o fim de comprar a typographia da *Situação*, e dotar o partido com um journal todo seu.

Fazemo-s sinceros votos porque tão louvável idéia se realize.

A imprensa, quando livre, criteriosa, recta e fiel aos rivadore de seus verbiugios devéres, é com-

certeza o mais podeoso motor de civilisação, de progresso e sobre tudo de moralisacao, principalmente nos países como o nosso em que o povo é em geral perfeitamente ignorante dos seus direitos e o pessoal governamental tem uma propensão decidida para os excessos do absolutismo.—

Venha pois o novo orgão e quanto mais cedo melhor.

O Povo—aguarda-o para dar-lhe a bôa-vinda.

Morreu também em S. Luiz de Cáceres o—*Progresso*,—pequeno jornal coneguido aos interesses d'essa cidade e que era um fizil auguro de sua prosperidade.

Expirou com poucos meses de vida e ainda assim—também da molestia que matou a «Situação».

Seu proprietário e redactor, o Capitão Silva, moço emprehendedor e de reconhecido criterio, certo merecia mais do que essa indifferença que,—negando-lhe o appoio do contribuinte, condicção *cine qua non* das empresas como a sua, afogou-lhe tão prematuramente o bôillo e premettedor commetimento.

Não importa.

Ficão ahi esses poucos exparsos numeros do—*Progresso*—coincidindo protesto de que ha n'esta Província quem pense em progradir quando una grande parte de seus filhos só pensa em estacionar.

Nos os pezamos á cidade de S. Luiz de Cáceres.

A Província de Matto-Grosso é o titulo do novo orgão oficial do Governo da Província, apparecido quinto feira passada, e de que é proprietário e editor o Sr. Capitão Joaquim José Rodrigues Calhão, trabalhador infatigavel e de reconhecido merecimento.

Conheçemos o Sr. Capitão Calhão de longa data e prestamos sempre a devida homenagem ao seu bello carácter e ilustrada intelligenzia.

Além d'isto temos intimos, porém sérios motivos, para se meter no amigo devotado.

Entr-tanto julhamos de nosso dever perguntar-lhe—ao redactor do e-jornal, com certa possivel comilar as bellas promessas d'esse programma co. o oneiro o e escravo or contacto que

fez da—Província de Matto-Grosso—um orgão oficial.

Comprin-ntimos o respeitavel collega e fazemos votos porque o futuro reslove praticamente a duvida acima proposta,—mas em beneficio do programma, embora com prejuizo do contacto.

Bem vindo seja.

Pois senhores, quando eu supunha que aquelle episodio das despedidas do *Caramuru* era um factô consuminado e que só restava que algum amante de servas to se o som dolente do ex-va-publico, á horas mortas, entoasse baias janellas de Moema afflita, quer dizer junto ás paredes do alemazem velho, a

—«Jovem Lilia abandonada»—eis que na sessão seguinte surge uma emenda—que ficou peior que o soneto.

O soneto, como sabem, é do Sr. Lousada;—a emenda foi do Sr. Souza Neves,—que pelo que a Assembléa mandasse riscar da acta a—«lamentavel e vergonhosa explosão do Sr. Lousada».—

A Assembléa apela o qualificativo, mas regeita a proposta.

A Assembléa pensa—e pensa muito bem—que arremessar-se ao limbo aquelle épico e expressivo—«não pouho mais os pes»—esta causa—faria um crime como não ha outro.

As grandes phrazes dos grandes homens pertencem á posteridade.

O Sr. Lousada porem que faz carências á posteridade—e faz leicinho ás carências da Assembléa, rei de carreira queixar-se á papá *Júpiter* que prometteu-lhe depennar os macauas.

En-as pois—Grecia e Troya—ás unhas.

O Sr. Lousada representa de Helena, a mulher-type, que com as suas trinta bellezas transtornou a cabeça á Páris.

Aqui porem é Páris quem transforma a cabeça á Helena—a bella.

E se a dita fogo ou não foge para o campo dos Troyanos.... o diogo o Sr. Souza Neves.

Que Paris é um seductor,... isso é.

Quem viver—verá.

Typ. do Povo á mua do Barão de Melgaço casa n.º 28.